



OS RIDÍCULOS

Nº 221 - 23-1-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50



CHIÇA... QUE TEM CUSTADO!



14 DE SETEMBRO 75

28 SETEMBRO 74

25 ABRIL 74

UNICIDADE SINDICAL

LIQUIDAÇÃO DA INTENTONA REACIONÁRIA

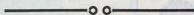
DERRUBE O SUSMO

FILOSOFIAS DE PATACO... TALVEZ NÃO!

Se aqueles que sonham muito andassem mais acordados e os que julgam andar muito acordados não sonhassem tanto, esta vida talvez fosse um sonho!



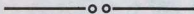
As vozes de burro não chegarão ao Céu. . . Mas, ouvem-se muito cá na Terra!



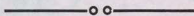
Não é que o saber viver seja assim tão difícil. O diabo é a concorrência!



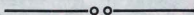
Os pequenos ladrões são, muitíssimas vezes, os maiores!



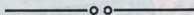
Se alguns analfabetos incomodam certa gente, certos estudantes (?) incomodam a gente certa!



A fartura dividida nunca fez mal a ninguém. . . excepto aqueles para quem toda a fartura é pouca!



Certas coisas são como certas mulheres: querem-se à bruta!



Quem semeia democracias colhe reacções!



GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

O mundo está nestes dias extraordinariamente calmo. Tudo tem decorrido na forma do costume, o que é uma chatice para o cronista internacional que não tem assim maneira de dar grandes novidades.

Tudo calmo, tudo sereno. . .

Em Paris deflagrou uma bomba no Palácio da Justiça, decapitando uma estátua e partindo alguns vidros. Coisa sem grande espalhafato.

Em Itália também continua tudo na mesma: a confortável curva do aumento de custo de vida, continua suavemente a subir, numa elegante espiral. Na base dessa harmo-

niosa e curvilínea ascensão ficam os produtos alimentares com pouco mais de 25 por cento de aumento e os combustíveis, o gás e a electricidade com pouco mais de 40 por cento. Uma ninharia sem importância.

Na Rússia a beatífica paz e sossego estão também monotona e igualmente iguais. Agora foi decidido renunciar ao acordo comercial com os Estados Unidos, com um sorriso paternal, visto que o presidente Ford só queria negociar com a Rússia se esta modificasse a sua própria lei da emigração, e a Rússia achou que isso era um aborrecimento para os americanos estarem agora a incomodar-se a estudar uma nova lei de emigração para os russos porem em vigor. Tudo calmo, tudo sossegado. . .

Lá para as bandas das Filipinas uns quantos rebeldes muçulmanos atacaram com morteiros e lança-granadas um grupo de soldados governamentais, e estes, gentilmente acederam a falecer, para os outros não ficarem desanimados.

Tudo calmo e sossegadamente. . .

Entretanto em Espanha para distrair lá vai havendo umas greve-zitas sem importância: apenas uns quantos milhares de operários de fábricas de automóveis, e de minas que querem fazer uns pic-nics diários. Claro que francamente. . . a coisa está calma e sossegada. . .

No Brasil monotona e palitando os dentes, os componentes do Esquadrão da Morte continuam a trabalhar as suas oito horas diárias. Parece que até agora já encerraram mais de mil e quinhentos dossiers de malandros, arquivando-os por falta de réu. . .

Na América também continua tudo igual e tudo sem alteração: que é como quem diz tudo teso ou desempregado. E o Sr. Ford, para não variar pede economia ao Congresso.

Talvez até consiga reduzir as verbas atribuídas à Cia. O que era uma pena. . .

Como os leitores vêm, o mundo continua nestes dias, extremamente calmo. . .

PARA GRANDES MALES...

- transito...
- consumo...
- peso...

GRANDES REMÉDIOS!

A HONDA

IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, Nº 59 - B - TEL. 7689 13





INFLUÊNCIAS

NÃO CORTES FILHA... NÃO CORTES EU NUNCA MAIS VOU VER FILMES ERÓTICOS...

NÃO É P'RA CORTAR MEU GRANDE DESAVERGONHADO... SÓ TE VOU ESCAMAR A SÁRDA A VER SE TE PASSAM OS CALORES...



DO CINEMA ERÓTICO

Dona Esmeralda Ganso e o marido, casados há vinte e cinco anos, eram um casal rançoso burguês, um destes sinistros pares de Museu de Cora que se acasam para tornar a vida mais monótona. Ele tinha cara de pedra-pomes com pretensões humanas; ela era rotunda como um globo terráqueo com algo de marsupial. Enfim: um casal medianamente desastroso mas muito feliz, muito pacato, muito de braço dado e certificados de aforro, pensando numa renda vitalícia para a velhice que não havia de ser muito diferente da vida actual. Não tinham filhos por hábito, nem dívidas ou casos de consciência. Ao domingo, iam tomar chás à pastelaria mais banal do bairro; no verão, passavam quinze dias nas termas embora não sofressem de nada. Ao sábado, ouviam encantados as palestras do Prof. Vitorino Nemésio e depois, iam ao cinema. Dona Esmeralda preferia comédias, sobretudo se intervinham animais. O marido concordava, obediante. E nos meses quentes, a vizinhança ainda a pé, via-os regressar calmamente, e torciam ideias sobre os filmes que nunca entendiam, caminhando como dois autómatos. Na rua onde moravam, apontavam-nos como um exemplo de união harmoniosa. Ao que acrescentava a saaz Dona Belmira, que vivia no andar de baixo do deles: — Ou casaram em dia de chuva ou são

de sinos propícios, ele parece-me touro e ela caracinejo, dois animais que sempre vivem em paz um com o outro.

Para a segurança do casal ser maior, o sr. Ganso trabalhava numa Companhia de Seguros e a mulher fazia seiscentos frascos de compota de ginja e de doce de tomate para o inverno. Imperturbáveis, desafiavam o futuro. Representavam o matrimónio naturalmente indissolúvel pela falta de imaginação de cada um deles e por uma instintiva atitude de medo perante os meandros e as contrariedades da vida.

Mas, um dia, a longa harmonia terminou e que era muito mais inesperado do que Bucelas ser elevada à categoria de capital do país... Dona Esmeralda surgiu com um súbito ar malévolo, batendo as portas com violência, não cumprimentando ninguém, dando verdadeiros urros de fera entre as suas paredes. O sr. Ganso, esse, entrou a definir, a perder barriga, a desaparecer no sobretudo, a exibir umas olheiras que lhe chegavam às orelhas transparentes, a arrastar-se como um gato tropelado. Principalmemente de sábado para domingo, Dona Belmira, a vizinha e antiga admiradora do casal Ganso, deixou de dormir tal era a borrasca no andar superior, com ruídos fragorosos de jarras arremessadas e cadeiras escaqueiradas.

Toda essa noite quando a Censura dos filmes cessou,

desabando sobre Lisboa uma autêntica enxurrada de cinema erótico. De regresso do "Otono Escaldante", Dona Esmeralda, invariavelmente impecável, já trazia os cabelos descompostos, os lábios estranhamente húmidos e um olhar líbrico que o marido tentava evitar.

— Temos de recuperar o tempo perdido! — dizia ela em voz perfeitamente audível. As cenas atterosas datavam daquela noite.

— És um fascista! — Regouga ela — a nossa vida tem sido agorda com pão, e monotonia organizada. Temos de evoluir, temos de acompanhar o progresso, temos de ampliar e renovar o nosso amor!

— Ó, filha, não faças escândalo, casaste com um agente de seguros e não com um acrobata de circo!

— Ah, quem me dera que trabalhasse sem rode... — suspirava Dona Esmeralda que abandonara toda a compostura e só lançava desaforos pela boca fora.

Na plenitude dos seus quarenta e poucos rechechos anos, aquela mulher descobriu na "écran" a sua natureza ardente e insatisfeita. Arremessava-se como uma barcaça sobre um naufrago, neste caso o marido, e impetivamente, voluptuosa e cicante, a arder em loucos desejos, segregava-lhe imperiosamente ao ouvido: — Beija-me Beija-me como o Allain Delon!

Toda essa noite o enlouteceu com mordidelas brus-

cas e frases doentias até que o homem se fechou a setenhar na casa de banho onde dormiu. Mas era apenas o princípio...

Quando, no sábado seguinte, voltaram de assistir ao "Paraíso ao Sol", pareceu-lhe a ela que deviam andar como Adão e Eva pela casa. E entre gritos e galhofas que despertaram toda a vizinhança, obrigou-a a persegui-la durante três quartos de hora pelos corredores e por todos os cantos da derrota, à segunda-feira, no escritório.

— Credo, sr. Ganso, anda todo mordia! — exclamavam as colegas — se fosse a si, desfezias-me do cão.

Para justificar o estado lastimoso em que aparecia, ela contra-lhes que comprara um pastor alemão terrivelmente feroz...

"O Tratamento de Choque" representou outra cutelada fatal no sossego do marido. Ela berrava como uma possessa, fazia comparações inauditas e gritava a plenos pulmões: — Acode-me, Allain Delon, que eu andei a ser enfiada durante vinte e cinco anos! — sempre vestida com grande sobriedade, mas agora decotava-se com limitada generosidade a ponto de, na rua, uma criança a ter apontado à sua mãe com o seguinte e caritativo comentário: — Coitadinha daquela senhora, andá à procura do filho para lhe dar de mamar e

não o encontra... As desavenças do casal tornaram proporções de motim, à medida que o tempo passava. Ele dizia-lhe que devia ir ao psiquiatra. Ela encolhia os ombros e corria para o cinema. À volta, voavam cadeiras, mesas, jarras e livros e o pobre sr. Ganso, a chorar, pedia-lhe: —

— Piedade! Tem piedade de mim, corraço de ferro! Não pródigo, há muito tempo que ninguém conseguia dormir descansado e todos desejavam pôr cobro àquele estado de coisas, fazendo uma queixa ao senhorio depois da preliminar advertência aos Gansos. Uma noite, Dona Belmira resolveu intervir deliberadamente e tocou rudemente à porta do casal que, às quatro da manhã, ainda soltava fúrias de macacos em gincha. Dona Esmeralda atendeu-a, vestida de forma bizarra e com um chapéu à cabeça.

— Isto não poder ser. Ou a senhora sossega ou fazemos um abaixo assinado — ameaçou a vizinha.

— Sim, sim, façam um abaixo assinado! — respondeu quase agradecida e postumamente satisfeita a senhora Ganso.

— Quer que façamos um abaixo assinado...? — dona Belmira não ousava acreditar em tanto desplanto e desrepeito pelos outros.

— Sim, façam um abaixo assinado a pedir-lhe que venha e eu prometo não incomodá-los mais!

— Sim, façam um abaixo assinado a pedir-lhe que venha e eu prometo não incomodá-los mais!

A SUA MULHER FOI À MANIFESTAÇÃO FEMINISTA?



**ORA
CONTE-NOS**

AS MINHAS VÃO ONDE
QUEREM QUE EU NÃO
SOU NENHUM TIRANO.
DESDE QUE À NOITE
TRAGAM O BOM.



SALSICHEIRO...



RAPAZ DE VIDA DIFÍCIL



ESTIVADOR

MIUDEZAS E FRESSURA
VENDE ELA TODOS DIAS
LÁ AO BALCÃO MAS
ESTÁ-ME A CHATEAR ESTA
CONCORRÊNCIA DESLEAL



PREDESTINADO

ISTO DE CORNOS
DE VACA É GIRO...
O QUE É A EVOLUÇÃO...

ELA FALOU
NISSO... MAS
MUDOU DE
IDEIAS
DEPOIS DE
LEVAR DOIS
MURROS NOS
CORNOS...



TONINHO

A MINHA MULHER?
PISA... PISA... PISA...
OLHA O ATREVIDO...
A MINHA MULHER...
CRUZES TARRANEGO



FAÇA VOCÊ MESMO

Ora é muito simples: Nesta actual situação, em que a mão de obra está pela hora da morte, aqui lhe trazemos uns bons conselhos sobre a forma de poupar dinheiro.



Você quer-se casar. O azar é seu. Mas anda para aí a ver mobílias e não consegue encontrar ne-

nhuma que lhe agrade por menos duma pequena fortuna que lhe leva as suas ricas reservazinhas. Ora diga-me cá: O que é um carpinteiro, marceneiro ou lá o que é, a mais do que você? Porque motivo não há-de você fazer a sua própria mobília, a seu gosto?

E muito mais barata? E muito mais perfeita, porque você tem nela um interesse directo, enquanto que o comerciante tem apenas um interesse interesseiro?

Ora não seja trouxa! Faça você mesmo! E vai ver que é bestialmente fácil. Tome nota:

Comece por comprar a madeira. Quanta? Isso é fácil: Você tem primeiro que medir o seu quarto: com certeza não vai fazer

uma cama Henrique 8º, até porque nem você se chama Henrique, nem era bonito dizer à sua noiva que ela se ia deitar na cama do oitavo. Ela podia achar que você estava a saber demais.

O mais provável é que no seu quarto caiba uma cama funcional, o que é uma boa ideia visto que o que você quer afinal de contas é funcionar.

Portanto compre: Tábuas de solho: 4 Paus de vassoura: 8 Contraplacado: 1 cha-

pa Pregos: muitos. Quanto a ferramentas, você já sabe: um serrote e um martelo é quanto basta.

Execução: Você estende as tábuas no chão, e deita-se em

cima delas, para tirar a medida. O melhor será convencer a sua noiva a



deitar-se também, que é para a cama ficar com as medidas mais convenientes. Claro que como as tá-

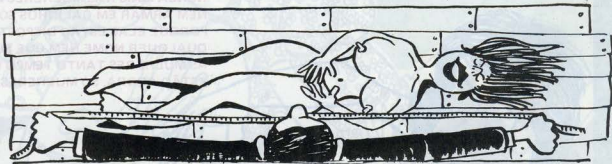
buas de solho estão novas e cheias de poeira e serradura, é conveniente pôr-lhes em cima um cobertor ou qualquer coisa assim, para não se estragarem os fatos. Ou até talvez seja preferível tirar os fatos.

Depois você começa a tirar medidas.

E se a sua noiva estranhar o procedimento, você pode aproveitar para lhe explicar a necessidade de fazer economias, e ela cala-se logo.

Quando ela estiver convencida, e você já tiver começado a tirar as medidas, começa a trabalhar.

A fazer o quê? Mas olhe lá, você é parvo, ou quê? Vá, despache-se! Não vê que ela está à espera?



P. — E se entram mais "bárbaros" e eu não estou em condições de sair da cama e recusar-me em qualquer refúgio?

R. — Faça-se morto... ou quase, até a malta passar!...

P. — Então, eu agora tenho que trabalhar?

R. — Embora contrariado... parece-nos que sim, se quiser aprender alguma coisa!...

P. — Aqueles dois grandes industriais que foram nomeados por um estudante, sempre irão trabalhar para as Minas da Pansqueira, como ele preconizou?

R. — Não cremos!

P. — Será justo eu ter que estar mais horas no hospital para ensinar uma data de futuros concorrentes, perdendo algumas consultas diárias que me rendem umas "massas" valentes?

Medico Hospitalar
R. — A hora é de sacrificio para todos e, sendo assim: ou nos sacrificamos todos ou haja moralidade!

P. — Tenho ou não tenho o direito de ser ensinado?

R. — A Luno R. — Achamos que sim. E o dever de estudar, de facto, também!

P. — É preciso ter muita calma para isto, não acham?
L. E. Tria
R. — Sobretudo aos domingos

e com certos tipos... é!

P. — Não é melhor ir para o Serviço Cívico que para a guerra?

R. — Nem se pergunta... Mas, parece haver quem não queira nada!...

P. — Certos estudantes, afinal, são filhos de quem: do Povo ou da burguesia?

R. — Pelas atitudes, parece que nem de uma coisa nem de outra!...

O DIREITO DELAS

AS LASCAS E AS MATRONAS TÃO DANADAS
QUE MARCHARAM EM LISBOA ESTA SEMANA
COM ESTANDARTES E BANDEIRAS DESFRALDAS
A CLAMAR POR IGUALDADE A TODA A GANA,
PERCORRENDO TANTAS RUAS APINHADAS
E CLAMANDO QUE O HOMEM É UM SACANA,
NO PARQUE UMA FOGUEIRA ATEARAM
E OS DIREITOS DO HOMEM LÁ QUEIMARAM!

E QUEIMARAM AS CALCINHAS VAPOROSAS
SOUTIENS, COMBINAÇÕES E O CAMANDO;
E BERRARAM QUE AS FRALDAS MAL-CHEIOSAS
OS MARIDOS AS PODIAM IR LAVANDO;
E SE QUERIAM COMIDAS SABOROSAS
FOSSEM JÁ A CULINÁRIA PRATICANDO;
PORQUE ELAS A IGUALDADE PROCLAMARAM
E A MALTA DE REPENTE ALI LIXARAM!

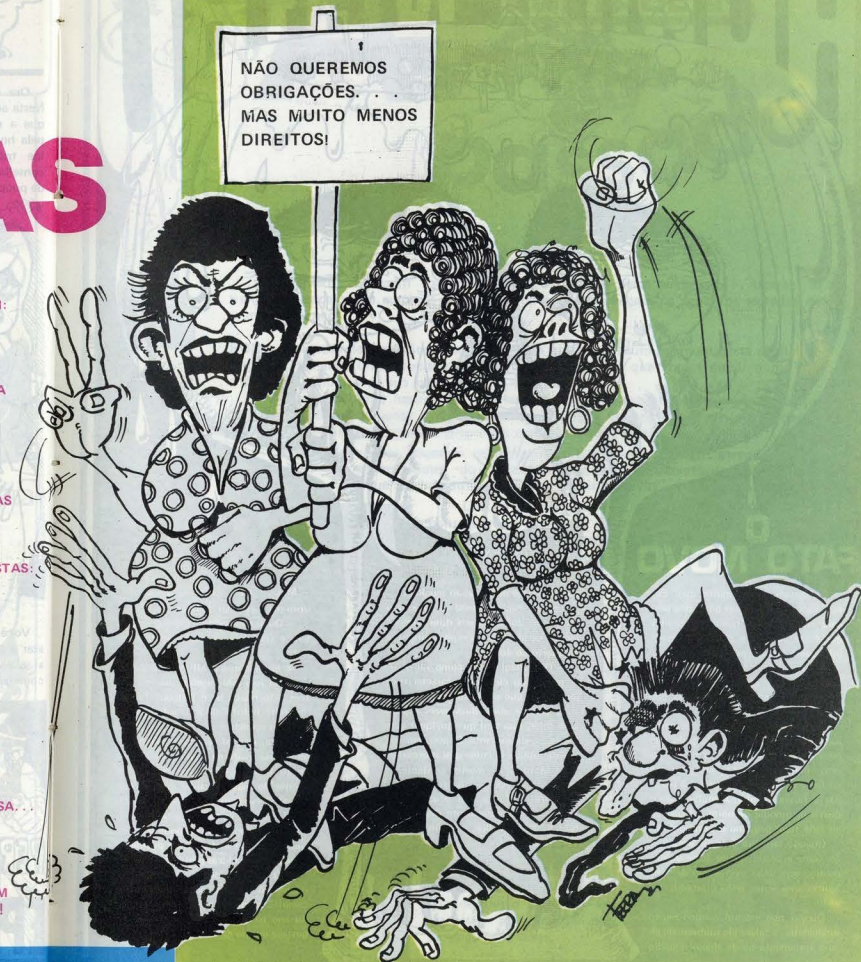


E AGORA UM FULANO OU UM CICRANO
PODEM ESQUECER AS ORDENS QUE JÁ DERAM:
AS MULHERES SÃO AGORA D'OUTRO PANO,
E O QUE TINHAM A COMER, JÁ O COMERAM:
O HOMEM JÁ NÃO É O SOBERANO
A QUEM ELAS TANTO TEMPO OBEDECERAM;
MUDA TUDO QUE OUTRO GALO AGORA CANTA
E AS MULHERES AGORA PINTAM A MANTA!

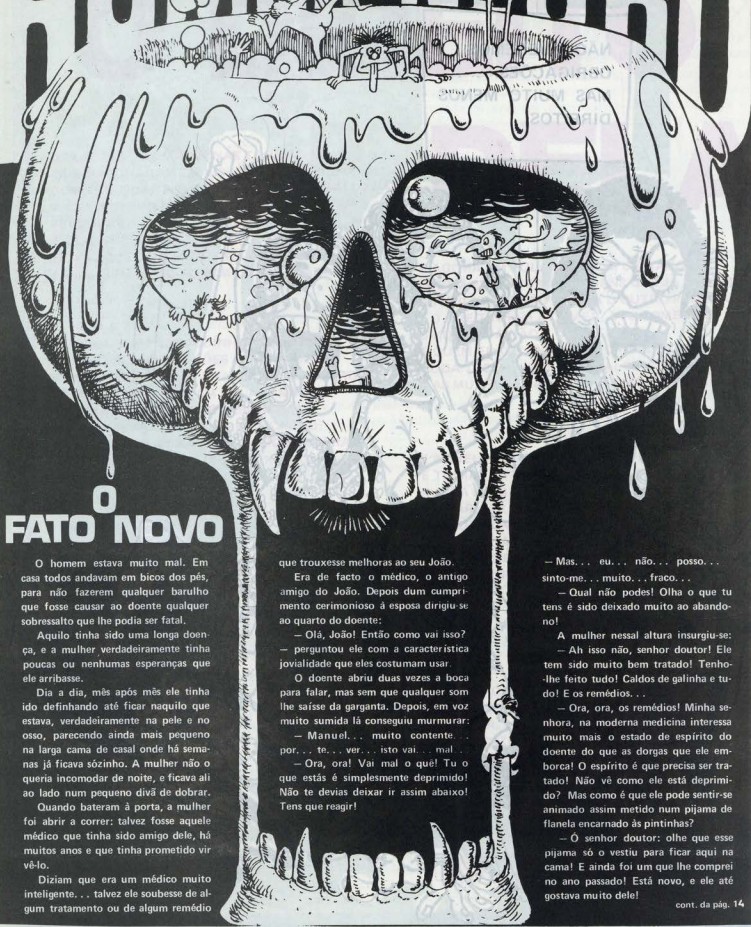
E AQUELES QUE QUISEREM REFILAR
E TEIMAREM MESMO ASSIM EM SER MACHISTAS
NUNCA MAIS NAS MULHERES PODEM TOCAR
NEM ARMAR EM GALINHOS SÓ COM CRISTAS;
PORQUE ELAS ESTÃO DISPOSTAS A CHAMAR
QUALQUER NOME NEM QUE SEJA O DE FASCISTAS;
AS MULHERES TANTO TEMPO OPRIMIDAS
ESTÃO AGORA, SÓ MULHERES, BEM UNIDAS!

MEUS AMIGOS: PACIÊNCIA E AGUENTAR
E QUE A VOSSA BOA CALMA NÃO ESMOREÇA
É VARRER, LAVAR FRALDAS, COZINHAR,
SE ELAS DIZEM QUE A OBRIGAÇÃO É ESSA,
DEIXEM-NAS LÁ, COITADAS, A GRITAR,
QUE DÁ FORTE, MAS TAMBÉM PASSA DEPRESSA...

ELAS DEIXAM OS DIREITOS QUE HOJE CANTAM
QUANDO OS NOSSOS DIREITOS SE LEVANTAM!



Humor Negro



O FATO NOVO

O homem estava muito mal. Em casa todos andavam em bicos dos pés, para não fazerem qualquer barulho que fosse causar ao doente qualquer sobressalto que lhe podia ser fatal.

Aquilo tinha sido uma longa doença, e a mulher verdadeiramente tinha poucas ou nenhuma esperanças que ele arribasse.

Dia a dia, mês após mês ele tinha ido definhando até ficar naquilo que estava, verdadeiramente na pele e no osso, parecendo ainda mais pequeno na larga cama de casal onde há semanas já ficava sózinho. A mulher não o queria incomodar de noite, e ficava ali ao lado num pequeno divã de dobrar.

Quando bateram à porta, a mulher foi abrir a correr: talvez fosse aquele médico que tinha sido amigo dele, há muitos anos e que tinha prometido vir vê-lo.

Diziam que era um médico muito inteligente... talvez ele soubesse de algum tratamento ou de algum remédio

que trouxesse melhoras ao seu João.

Era de facto o médico, o antigo amigo do João. Depois dum cumprimento cerimonioso à esposa dirigiu-se ao quarto do doente:

— Olá, João! Então como vai isso? — perguntou ele com a característica jovialidade que eles costumam usar.

O doente abriu duas vezes a boca para falar, mas sem que qualquer voz lhe saísse da garganta. Depois, em voz muito sumida lá conseguiu murmurar:

— Manuel... muito contente... por... .. tn... .. ver... isto vai... mal...

— Ora, oral Vai mal o quê! Tu o que estás é simplesmente deprimido! Não te devias deixar ir assim abaixo! Tens que reagir!

— Mas... eu... não... posso... sinto-me... muito... fraco...

— Qual não podes! Olha o que tu tens é sido deixado muito ao abandono!

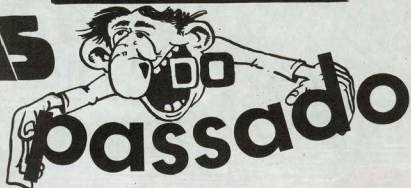
A mulher nessa altura insurgiu-se:

— Ah isso não, senhor doutor! Ele tem sido muito bem tratado! Tenho-lhe feito tudo! Caldos de galinha e tudo! E os remédios...

— Ora, ora, os remédios! Minha senhora, na moderna medicina interessa muito mais o estado de espírito do doente do que as dorgas que ele emborca! O espírito é que precisa ser tratado! Não vê como ele está deprimido? Mas como é que ele pode sentir-se animado assim mesmo num pijama de flanela encarnado às pintinhas?

— O senhor doutor: olhe que esse pijama só o vestiu para ficar aqui na cama! E ainda foi um que lhe comprei no ano passado! Está novo, e ele até gostava muito dele!

GRANDES REPORTAGENS



Silêncio... chegam vozes do Além... treme a mesa pé-de-galo... tremem as trêmulas pessoas! Das sombras arrepiantes da não-vida chegam os ecos dos segredos do reino dos mortos...

ROMA, Calendas de Januarius: Realizou-se esta noite no forum magnum desta capital do Império Romano, uma procissão cerimonial de matronas que foram depôr numa pira ardente os símbolos da sua submissão aos seus senhores.

Uma imponente matrona teve o heróico arrojado de retirar a sua túnica, e a lançar na fogueira. Imediatamente a seguir muitas matronas a imitaram dando início ao que se pode chamar o primeiro grande strip-tease que irá ficar na História.

Alguns centuriões coçavam os cinturões. Os clamores subiram atoadoramente quando uma das organizadoras do cerimonial leu em voz estentórica os arrojados princípios daquilo a que se chamou o "Cadernus Reivindicativus" das matronas romanas.

Um dos arautos do nosso papiroso noticiador conseguiu aproximar-se do volumoso e reboludo traseiro dessa matrona e espreitando por cima da faixa inframamal conseguiu decifrar alguns desses princípios, que são os seguintes:

- 1) As matronas romanas proclamam a sua completa igualdade perante os varões.
- 2) Quando qualquer tribuno, centurião ou efebo se quiser sobrepôr a uma matrona só o poderá fazer se ela for niso.
- 3) Os labores domésticos passarão a ser feitos pelo varão e pela matrona, e serão divididos em escala de serviços: nos dias em que a matrona espanejar os triclinios, competirá ao varão manhar os "tectius cagatus" dos infantes; e vice-versa.
- 4) Deverá fazer-se uma solene proclamação a todos os augures, adivinhos e feiteiros para que descubram o processo de tornar os varões vulneráveis à maternidade, que é ainda o ponto mais fraco a que as matronas estão sujeitas.
- 5) Os varões que cometerem adultério sofrerão a pena de lhes ser publicamente cortada a...

Nesta altura o arauto do nosso papiroso noticiador que ao que parece não tinha a consciência muito tranquila abandonou o comício antes que dessem por ele e o metessem na pira. E por ele se ter pirado nada mais conseguimos saber.





Crónicas medievais

Os Conselhos de D. Briolanja

D. BRIOLANJA
— Que tendes, minha estremosa filha? Que estranho desgosto vos mina o espírito que outra coisa não fazeides senão suspirar? Ou estareides com defluxo?

ALDEGUNDES

— Ai, senhora minha mamã! Nem me pergunteides o que tenho! Perguntaide-me antes o que não tenho. . .

D. BRIOLANJA

— Eu sei, minha filha, que neste exílio a que fomos condenadas — tudo por culpa das burricas do senhor vosso pai — muitos confortos faltam. Mas por certo bem sabeides que nos temos esforçado por vos dar todos os confortos que nos é possível. . .

ALDEGUNDES

— Eu sei que vos tendes esforçado, mamã. Ai!!!!

D. BRIOLANJA

— Mas minha estremecida filha: por certo que algo vos tem ultimamente afligido, para andardes assim. . . de orelha murcha! Porque não confiaides os vossos desgostos?

ALDEGUNDES

— É inútil, mamã. Nada pode mudar o meu triste penar. E as novas que ora recebi do nosso antigo reino, ainda mais triste e dolorida me deixaram. . .

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Haveides recebido novas do nosso reino e nada dizeides? Que novas haveides?

ALDEGUNDES

— Pois sabeide, estremosa mamã, que no nosso antigo reino acabaram agora de se unir todas as donas e donzelas para fazerem um público auto de fé a denunciar a sua escravatura aos seus senhores. . .

D. BRIOLANJA

— Que dizeides, infeliz? Acaso as donas e donzelas do nosso antigo reino estarão pirulas?

ALDEGUNDES

— Não, mamã! Olhaide que isso mesmo de pirulas é uma das coisas que elas proclamaram que tinha que acabar! Pirulas e falta de pirulas! mas vós não compreendeides, estremosa mamã, pois soides de outras eras. . .

D. BRIOLANJA

— Disparate, menina! As mulheres só por serem mulheres são sempre da mesma época! E então se é coisa contra os homens. . . ainda mais! Contaide, contaide, minha estremosa filha, as novas que haveis recebido. Que é isso de pirulas a que vos referides?

cont. na pág. 14



REUNIÃO A PORTUGUESA

A talho de foice mas não de martelo, encontrá-mos há dias num matutino uma pequena notícia relativa a uma "reunião conflituosa dos trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa" que é um exemplo entre mil, no oceano alteroso das discórdias inadmissíveis em que nos envolvemos, sempre que nos é dada a possibilidade de livremente nos reunirmos e livremente deliberarmos sobre os problemas que nos importam. E já não falamos doutras reuniões em que da discussão não nasce a luz mas os olhos negros, diversos equimoses e galos na testa que não são de Barcelos nem possuem características de objecto decorativo, muito embora também se comecem a

tornar um género de "souvenir" para consumo interno. Ficamos pelo comentário a assembleias em que não se chega a vias de facto mas onde de facto não se chega a vias nenhuma... O que já é muito triste, dado o ambiente de desavença e de incapacidade de diálogo fecundo e ordeiro que será sempre apanágio da sociedade democrática. Deixemos o nosso "temperamento latino", à porta das reuniões. Porque o progresso do nosso País há-de ser feito primeiro pelo progresso de cada um de nós, do nosso espírito, da nossa atitude, do nosso comportamento social e não é entre gritos e disputas que encontramos o clima propício à

criação de uma nova mentalidade.

Ainda há um ano, — e isso foi uma das manobras sociais do anterior Regime —, os portugueses eram apenas benfiquistas, sportingistas, portistas ou olhanenses. Era a única opção partidária... Agora, os portugueses podem ser democratas, socialistas ou comunistas e, desbocadamente, por um desvirtuamento de muitos anos da função a do verdadeiro sentido do desporto, dividem as idelas em rivalidades de clubes políticos e trazem muitas vezes para as assembleias o tom de contenda e de inimizade an-

cestral que frequentemente reinou em campos de futebol. Em tal atmosfera, a democracia está "off-side".

Todas essas centenas de reuniões em que proliferam as alterações, os ditérios, as ameaças, as acusações, são pedras que se colocam numa enorme Torre de Babel, condenada de antemão ao malogro e à constituição negativa de uma imagem de nós mesmos. O civismo é o maior capital de que um povo dispõe e será a partir dela, em todas as suas manifestações, desde as mais ínfimas às mais importantes, que nos poderemos impôr no nos-

so canto e no mundo como um povo merecedor da admiração crescente e do auxílio de outros povos.

Existe o "casamento à espanhola". O "divórcio à italiana". "O sair à francesa". Não criemos com a "reunião à portuguesa" um novo lugar-comum que será de consequências funestas.

Dos trabalhadores da C.M.L. que velam pela nossa cidade — e por isso a eles nos referimos —, esperamos o exemplo salutar de uma próxima reunião em que tudo corra com a ordem e a "limpeza" que desejamos nas ruas de Lisboa...



O FATO NOVO

cont. da pág. 10

— Está bem! Mas é um pijama encarnado! Não é próprio para um homem no estado em que está o João! O que ele precisa é de se vestir capazmente! Camisa, gravata, calças e casaco! Mas um fato capaz, um fato que lhe dê dignidade!

— Ó senhor doutor! Então ele há-de estar vestido aqui na cama?

— Mas quem é que lhe diz que ele fica aqui na cama? Ora faça o que eu lhe digo: ele tem algum fato novo, mesmo bom?

— Tem sim senhor! Tem aquele azul escuro que levou ao casamento do Antunes!

— Então traga-o lá! Como estou aqui, quero fazer alguma coisa pelo João! Ele não pode ficar assim!

A mulher meio embacada foi ao guarda-fato buscar o que lhe mandavam. E perante os olhos espantados e esbugalhados do doente, poisou na cama as calças, a camisa, o casaco e uma gravata.

— E agora?
— Agora, vamos vesti-lo! O doente voltou a abrir a boca duas vezes em seco, como um peixe fora de água:

— Mas... eu... mal... pintinhas?

posso... respirar... e... mexer...

— Ora, vais ver que isto é um instante e depois ficas muito molhado!

E perfeitamente à vontade, com a ajuda da mulher, puxa este braço, estende aquela perna, torce aqui, ajesta acolá, lá vestiram o doente.

Esgotado pelo esforço o João ficou esparramado na cama, os olhos fechados, e inerte.

O médico olhou-o com ar crítico, e pegou no sobretudo e na mala para sair.

A mulher veio atrás dele: — O senhor doutor... acha... que ele... melhora?

O médico olhou-a por cima do ombro?

— Melhorar? Naquele estado? só se fosse por milagre!

— Então... para que foi que lhe quiz vestir o fato novo?

Nos olhos do médico passava um assomo de impaciência por tanta estupidez junta:

— Ó mulher: Então você não vê que ele daqui a bocadinho estico o pernil, e fica teso como um carapuça, e depois já ninguém lhe consegue vestir o fato? Você queria que ele fosse no caixão com aquele horrível pijama encarnado às pintinhas?

Os Conselhos de D. Briolanja

cont. da pág. 12

ALDEGUDES

— Mas, senhora mamã! E se vosso esposo e muito respeitável pai nos escuta? Sabeide que de graves rebeliões se trata!

D. BRIOLANJA

— Não tenhades miufa. Vosso augusto progenitor a esta hora anda nos copos porque parece que descobriu cá um compincha-parecido com o D. Alonso Maçaneta. Podeides falar...

ALDEGUDES

— Pois sabeide, estremosa mamã que as donas e donzelas do nosso antigo reino se uniram para lutar contra a ignóbil dominação dos seus senhores...

D. BRIOLANJA

— Que lizeides, infeliz! Pois atremem-se a dar público escândalo rebelando-se contra...

ALDEGUDES

— Contra esses monstros horríveis que sempre nos têm dominado, mamã!

D. BRIOLANJA

— Jesus, Maria, José, Abrenúncio, T'arrego, Satanaz! Menina, menina que estades por certo possal! Como vos atreveides a dizer semelhantes blasfémias? Pois será verdade que donas e donzelas que vivem e sempre viveram sob a protectora tutela dos homens, se atrevam a rebelar-se contra eles?

ALDEGUDES

— Mamã, permitide-me que vos diga que estades choninha. As donas e donzelas de hoje não podem nem querer estar debaixo dos homens...

D. BRIOLANJA

— Credo, menina, julgaides que estades a comentar filmes eróticos? Eu sei que aqui ninguém vos escuta, e vós tendes já idade para saber algumas das ocultas verdades da vida, mas não digaiades assim tão cruamente que não fica bem a lábios virginais duma donzela como vós pronunciar esses comentários sobre as posições que a mulher deve assumir!

ALDEGUDES

— Sumidos queria eu os homens todos! Afinal para que servem eles, mamã!

D. BRIOLANJA

— Ah, minha inocente filha! Como vos poderei explicar sem vos fazer corar de vergonha... Mas vós precisaiades de aprender, porque me parece que por não saberdes muitas dessas coisas é que ainda não vos ligasteis pelos laços do himeneu a qualquer gentil homem...

ALDEGUDES

— Deixade-vos de fitas. Acaso poderei eu esperar algo agora, quando em tantos anos nunca nenhum homem em mim atendeu?

D. BRIOLANJA

— Pois sabeide, minha filha, que com risco de eu própria corar, vos contarei que eu própria também tive essas dúvidas, antes de conhecer o vosso augusto pai — que nessa altura não era augusto: era só tomaz...

ALDEGUDES

— E ele logo se enamorou de vós?

D. BRIOLANJA

— Estou em crer que sim. Bem vedes, eu nesse tempo era, modestia à parte, aquilo a que vós hoje chamaides um traço...

ALDEGUDES

— Verdade? Não me enganaiades?

D. BRIOLANJA

— Minha filha, uma mulher nunca mente a sua própria carne! Pode mentir às outras donas e donzelas, e tem, por ofício que mentir aos homens, nossos senhores. Mas isso...

ALDEGUDES

— Mas mamã, estaveis-me contando que no vosso tempo...

D. BRIOLANJA

— No meu tempo, minha estremosa filha, as donas e donzelas procediam da mesma forma que procedem hoje. E olhaide que esse rebelião de que me falaiades agora, não é novidade: já no tempo em que o vosso augusto pai me fazia rapa-pés...

ALDEGUDES

— Ah ele rapava os pés?

D. BRIOLANJA

— Ele sempre teve que rapar qualquer coisa. E aqui para nós, nos últimos tempos fartou-se de rapar... talvez por isso correram com ele... e conosco! Mas adiante. Dizia eu que

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo n.º 12-2. LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa Do
JORNAL DO COMÉRCIO

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESSA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Os Conselhos de D. Briolanja

cont. da pág. 14

ROMA — O Signor Giacomo Alpestre que vivia numa antiga casa de campo com sua esposa e cinco filhas de idades compreendidas entre os 15 e os vinte e dois anos, decidiu transformá-la num "albergo", assim a atirar para "tasquinha fora de portas". A mulher dedicou-se à cozinha e as filhas a servir os clientes.

A sua ideia era a de conseguir que as raparigas casassem e lhe "desamparassem a loja", conforme declarou meio a sério, meio a rir.

No entanto por azar ao fim de seis meses a mulher deixou-o por ter recebido um tentador convite para dirigir a cozinha dum grande restaurante de Roma especializado em pratos regionais.

E como nenhuma das filhas se casou, nem sabe cozinhar, o Sr. Giacomo Alpestre vive hoje só com elas na sua quinta, comendo ovos estrelados e macaroni...

HAITI — Foi recentemente vendida pelo governo americano a um milionário excêntrico, uma ilha do Pacífico onde este projecta construir uma casa totalmente equipada com altomatos.

A ilha é apenas acessível por helicóptero, visto não ter praias, e o milionário já declarou que assim pelo menos ficará livre dos cobradores do fisco.

ARGENTINA — Um camponês dos arredores de Palililo desiludido com a miserável produção da sua quinta, decidiu vendê-la e comprar outra casita uns dez quilómetros mais distante, para ver se o solo produzia mais.

O comprador da improdutiva quinta decidiu fazer algumas obras e começou por abrir um poço.

Quando as perfuradoras atingiram os dez metros de profundidade, saiu um jacto de petróleo.

NEW HAMPSHIRE — Um sábio decidiu utilizar as técnicas de inseminação artificial para criar novos animais. Cruzando perús com galinhas, gatos com cadelas e pombos com andorinhas, o dr. Shmetlton pensa tornar-se o percursor duma nova era no reino animal.

E quem o cruzasse a ele?

nessa altura houve também uma tentativa de liberdade das donas e donzelas: e também nós quisemos fazer um auto-de-fé com os espartilhos e os corpetes. Ai! Que saudades!

ALDEGUENDES

— Saudades desse tempo?

D. BRIOLANJA

— Não, filha. Saudades do corpete. E olhaide que o corpete que eu usava era do último modelo de Paris. Tinha uns atacadores enfiados em quarenta e cinco buraquinhos...

ALDEGUENDES

— Credo, mamã! O trabalho que isso dava a tirar!

D. BRIOLANJA

— Ah, mas aí é que estava o segredo da nossa feminilidade utilitária! Assim, quando havia uma oportunidade de um homem tentar chegar-nos à alma, nós tínhamos quarenta e cinco possibilidades de avaliar... se valia a pena! E se víamos que ele se atrapalhava muito com esses quarenta e cinco buraquinhos, havia sempre tempo de lhe deitar a mão aos cordões... e travar-lhe os instintos...

ALDEGUENDES

— Mamã! Quase me parece estar a ver um desses filmes eróticos! Contaide, contaide!

D. BRIOLANJA

— Que quereides que vos conte, minha filha? Falaiades tão mal dos homens...

ALDEGUENDES

— Pois vós não vedes que somos nós as donas e donzelas que devemos tentar libertar-nos da nossa condição deprimente? Não vedes que num mundo de igualdade os homens querem ficar sempre acima das mulheres?

D. BRIOLANJA

— E olhaide cá, minha espavilada filha: que mal vedes vós em que o homem assuma essa posição?

ALDEGUENDES

— Não sei, mamã... isso não lhes aumenta o poder?

D. BRIOLANJA

— Ah, e vós achaiades isso mau?

ALDEGUENDES

— Mamã, bem sabeides que sou uma inocente donzela... que achaiades vós?

D. BRIOLANJA

— Minha filha, não sejaides trouxa. Lembraide-vos que desde a criação do mundo, a mulher foi sempre mais esperta do que o homem. Foi ela quem lhe deu a maçã, e o parvalhão é que ficou com as culpas. Se o homem quer poder...

ALDEGUENDES

— Que homem, mamã, que homem?

D. BRIOLANJA

— Tenha termos, menina!

ALDEGUENDES

— Cuidei que faláides de algum em especial...

D. BRIOLANJA

— Todos, minha inocente filha, todos! Mas há os que querem poder e podem, e há os que não podem nem deixam poder, como o vosso augusto pai...

ALDEGUENDES

— Ah!!!! E nesse caso... que deve fazer uma dona?

D. BRIOLANJA

— Aquilo que eu já há muito tempo fiz: mandei-o poder!

MANICURE
BAR

Leonel

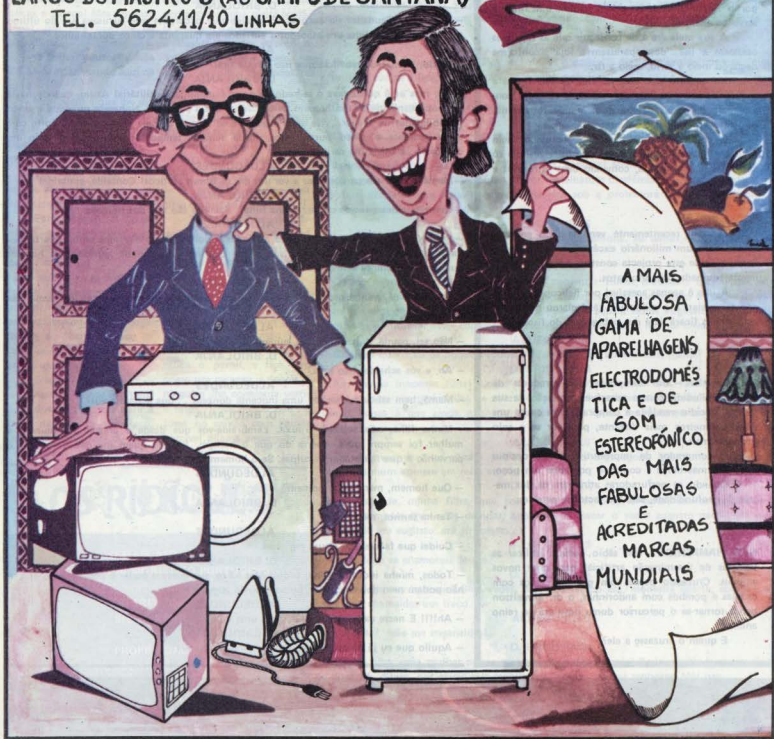
CABELEIREIRO DE HOMENS

Rua Gonçalves Crespo N: 37-B Tel. 561880

BOUTIQUE
PERFUMARIA

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS
FABULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA
E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FABULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"